

## **Dr. Tim Gombis , Gálatas, Sessão 4, Gálatas 2:11-21**

© 2024 Tim Gombis e Ted Hildebrandt

Este é o Dr. Tim Gombis em seu ensinamento sobre o livro de Gálatas. Esta é a sessão número quatro sobre Gálatas 2:11-21.

Então, esta é a quarta palestra em Gálatas, e nesta palestra vamos cobrir Gálatas 2:11 a 21.

Primeiro, nos versículos 11 a 14, onde Paulo relata seu confronto com Pedro em Antioquia, e depois, nos versículos 15 a 21, o que Paulo faz ali é mergulhar na lógica profunda do evangelho. Basicamente, esse é o seu argumento com Pedro em Antioquia, e realmente forma a lógica do que ele quer discutir com os cristãos judeus lá na Galácia e também com todo o público lá na Galácia. O que Paulo está fazendo aqui é reunir as duas situações, ou seja, o confronto de Pedro em Antioquia, e ele está usando isso basicamente como a substância do confronto de todo o seu público lá na Galácia. Então aquela situação com Peter, basicamente, ele está confundindo as duas situações porque são a mesma coisa.

Agora, há uma questão interpretativa sobre se os versículos 15 a 21 faziam realmente parte do discurso que ele fez a Pedro em Antioquia, o que faz parte do seu confronto. Provavelmente foi. Quero dizer, isso é provavelmente algo do que ele disse lá em Antioquia, mas realmente não importa para nossos propósitos, porque o que Paulo está fazendo é desdobrar a teologia ou a lógica teológica do que os cristãos judeus, os contemporâneos de Paulo, precisam entender. sobre o evangelho para que possam participar da plenitude da comunhão da nova família multiétnica de Deus em Jesus. Então , vamos nos aprofundar e ver o que acontece aqui, a natureza do argumento de Paulo.

No versículo 11, versículos 11 a 14, Paulo relata seu confronto com Pedro e ele diz no versículo 11, quando Cefas, e este é Pedro, este é o nome aramaico dele, mas quando Cefas veio para Antioquia, eu me opus a ele na cara porque ele foi condenado. Agora, isso não está registrado em Atos, esta visita de Pedro a Antioquia, e não sei por que Pedro foi até Antioquia. Não foi necessariamente tipo, vou dar uma olhada em você e ver se você está fazendo tudo certo, uma espécie de visita, mas Paul não comenta isso.

Então, Pedro acaba lá em Antioquia, e você lembra que a igreja de Antioquia é uma igreja mestiça. Há judeus e gentios tendo comunhão em Cristo porque estão desfrutando juntos de sua identidade cristã. A igreja de Jerusalém era completamente monolítica.

Era judeu. Estes são cristãos judeus , e por causa disso, todos os cristãos ali na igreja de Jerusalém não precisavam necessariamente fazê-lo; eles não precisavam necessariamente trabalhar de acordo com a lógica do evangelho, o que os teria levado à comunhão com cristãos não-judeus. Eles simplesmente não tiveram a oportunidade.

Eles são todos judeus que são cristãos. Pedro teve essa oportunidade porque foi levado em Atos 11 a se encontrar com o centurião em Cesaréia. Então, Pedro teve que trabalhar nessa questão, mas também, há algum sentido em que você pode aprender algo teologicamente, mas como você não é pressionado a incorporá-lo na prática, às vezes essa lição teológica nem sempre é muito profundamente enraizado.

Então, Pedro faz essa visita a Antioquia, e Paulo acaba se opondo a ele porque está no lugar de julgamento. Ele está condenado. Bem, por que ele está condenado? O que Pedro fez? Bem, Paulo relata aqui no versículo 12 que antes de tudo ele estava comendo com os gentios.

Isto é, quando a igreja se reuniu, Pedro estava fazendo o que eles fizeram na igreja de Antioquia. Ou seja, eles se reuniam para a Ceia do Senhor ou a Festa do Amor, a reunião como igreja onde fariam uma refeição juntos, e os judeus, os cristãos judeus e os cristãos não-judeus comiam todos na mesma mesa. Eles estão comendo juntos.

Agora, não se sabe se os judeus teriam comida kosher. Na minha opinião, é provável que os judeus tivessem comido comida kosher, comida especialmente preparada para eles. Os cristãos não-judeus comeriam tudo o que quisessem.

Mas o que era importante era que eles se sentavam juntos à mesa, o que era um passo radical além da visão herdada pela maioria dos cristãos judeus sobre o que é apropriado. Pedro faz uma referência. Não escrevi a passagem aqui, mas está em seu discurso ao centurião em Atos 11, quando ele diz: você sabe que é ilegal para os judeus comerem com os gentios. Então, isso não está na lei, o que é considerado na Torá é que eles foram impedidos de realmente sentar e comer com os gentios.

Assim, o que eles pensavam ser ilegal, estes cristãos judeus em Antioquia estão a ir além disso para viverem na plenitude da sua identidade cristã como parte da nova família de Jesus. Então, Peter está gostando dessa comunhão. Ele comeu com cristãos não-judeus por um tempo, mas alguns homens de Tiago vieram, e quando eles vieram, ele começou a se retirar e a manter-se distante, temendo o partido da circuncisão.

Isto é, esses homens vieram de Jerusalém e são cristãos judeus que basicamente consideram ilegal a comunhão com os gentios, seja entrando na casa de um gentio ou sentando-se e comendo comida com os gentios. E quando eles descem, Pedro, por estar intimidado, começa a se afastar da comunhão com os gentios, não

comendo mais com eles, basicamente temendo a desaprovação deles em relação a esses homens que são da igreja de Jerusalém. Bem, o efeito da ação de Pedro é enviar a mensagem aos cristãos não-judeus de que vocês devem se tornar como nós . Ser judeu é fazer parte da identidade étnica aprovada por Deus, e porque vocês são pecadores, vocês não são do mesmo grupo do qual eu faço parte, vocês têm que mudar e se tornarem como eu, ou então não poderei ter comunhão com eles. você.

Portanto, esta é uma indicação de que os comportamentos sociais têm significado teológico. É algo muito semelhante, mas o mesmo impulso básico está acontecendo em 1 Coríntios 11, quando os ricos estão impedindo os pobres de participar da festa do amor em Corinto, e Paulo os confronta dizendo que eles não estão incorporando a identidade cristã e a identidade social cristã. comunidade, com razão, quando envergonham os pobres, excluindo-os. Como a mensagem inerente é que você não é bom o suficiente, temos maior valor social do que você, o que significa que temos mais valor inerente diante de Deus do que você.

A mesma coisa está acontecendo aqui com a ação de Peter. Paulo diz que este é um ato de hipocrisia da parte de Pedro. Versículo 13, e o resto dos judeus juntaram-se a ele na hipocrisia, com o resultado de que até Barnabé foi levado pela hipocrisia deles, o que é interessante porque Paulo chama isso de hipocrisia.

Por que isso é hipocrisia? Ele não comenta isso, mas pode muito bem ser o fato de Barnabé já saber disso. Ele já é parte integrante, um participante pleno desta comunidade mestiça em Cristo. Pedro sabe melhor.

Como acabei de mencionar em Atos 10 e 11, ele vai para Cesaréia e depois relata a lição teológica que aprendeu à igreja em Jerusalém. Então, eles sabem que não, mas ficam intimidados pela presença dessas pessoas da igreja de Jerusalém e acham que estão realmente envolvidos em comportamento ilegal. O comportamento ilegal é que estes cristãos judeus, sob a obrigação de observar a lei, estão fazendo algo que pode ser ilegal, mas certamente parece transgressivo e na verdade está em comunhão com pessoas que são pecadoras.

O que vai tirá-los desse enigma? O que tirará um cristão judeu como Pedro e Barnabé deste problema? É nisso que Paulo embarca em Gálatas 2:15 a 21, onde ele revela para um cristão judeu como Pedro, como Barnabé, e para os cristãos judeus lá na Galácia, ele está revelando para eles a lógica do evangelho, que explica como o único Deus nova família em Cristo realmente pode ter plena comunhão uns com os outros. Então, vamos dar uma olhada em como isso se desenrola. Como eu disse, isso provavelmente faz parte do discurso que Paulo fez a Pedro em Antioquia.

Mas mesmo que partes disso não sejam exatamente o que ele disse, esta é basicamente a teologia que Paulo teria revelado para Pedro e que será útil para ele. Antes de entrarmos nisso, porém, temos que lidar com algumas questões teológicas

pesadas. Devo dizer que este texto é basicamente um desses textos cruciais que contém muitas questões teológicas paulinas que estão em jogo atualmente.

Portanto, teremos que cobrir algumas dessas questões exegéticas importantes nesta passagem e na teologia paulina. Em primeiro lugar, a justificação surge aqui neste texto porque Paulo, para resolver este problema das relações entre judeus e gentios em Cristo, vai para a justificação. Ele usa a justificação para resolver este problema.

O que exatamente Paulo quer dizer com justificação? Bem, antes de mais nada, a primeira coisa que precisamos dizer sobre a justificação é que muitas pessoas em nossos, bem, muitos cristãos hoje entendem a justificação proveniente de nossa herança da Reforma como uma referência ao veredicto dado por Deus de que um crente é justificado ou justo no momento da conversão dessa pessoa. Isso é verdade, só que há muito mais acontecendo com justificativa. É uma grande noção, é uma grande noção.

Você se lembra quando eu tinha este diagrama no quadro aqui onde eu estava falando, eu fiz referência a como no momento da morte e ressurreição de Cristo, já existe uma espécie de componente para a salvação, mas ainda há um componente ainda não para salvação. Uma das coisas que é importante dizer sobre a justificação é que a justificação também participa dessa dinâmica já, mas ainda não. Isto é, a justificação, num certo sentido, a justificação é o veredicto escatológico que Deus dará sobre o Seu povo no dia de Cristo.

OK. A justificação é uma realidade futura. Paulo diz em Gálatas 5 que nós, pelo Espírito, aguardamos a esperança da justificação ou a esperança da justiça porque é uma noção que vai acontecer no futuro.

Agora, por acaso, um componente-chave da teologia de Paulo é que o dia futuro de Cristo já está pressionando o presente e, em certo sentido, ultrapassou a igreja, o crente e a igreja na era presente. Então, se você pensar, você sabe, a igreja como a coleção de todas as pessoas que estão em Cristo aqui no tempo, o dia de Cristo pelo Espírito, o dia de Cristo já está garantido para todos que estão em Cristo no tempo. Paulo diz que vocês são aqueles para quem já chegaram os fins dos tempos.

Então, há um sentido em que qualquer pessoa que esteja em Cristo, qualquer pessoa que se volte para Cristo e receba a salvação, é batizada em Cristo pelo Espírito. Há um sentido em que, no tribunal celestial, um veredicto de justiça é proferido, mas esse é um veredicto que ninguém ouve. Esse é um veredicto proferido em antecipação ao futuro dia de Cristo, esse veredicto sendo divulgado publicamente diante de todo o cosmos.

Então, uma das coisas que temos a dizer sobre a justificação é que ela é uma realidade futura que é aplicada aos crentes no presente porque somos as pessoas

sobre as quais o futuro caiu. Então, é escatológico, ou seja, tem a ver com as coisas no final. Outro aspecto da linguagem de justificação de barra de retidão é o mesmo grupo de palavras. Uma outra questão que faz parte disto é que a justificação tem a ver com ser corrigido.

Tem a ver com retificação, isto é, algo que gerações anteriores de teólogos objetariam a essa justificação; não é correcto dizer que não tem qualquer efeito na realidade porque então estaremos a torná-lo apenas numa ficção jurídica que ressoa no céu. Mas para Paulo, a justificação deve ser retificada; isto é, pessoas fora de Cristo são trazidas para o novo povo de Deus transformado e feito novo. Quando somos justificados, isso é uma correção, somos transformados.

Portanto, há o aspecto transformador da justificação. Mas um dos aspectos que mais tem a ver com esta passagem e com a forma como Paulo desenvolve o seu argumento é que a justificação também tem a ver com a inclusão no povo de Deus. Isto é, a justificação tem a ver com quem faz parte do povo de Deus.

De certa forma, responde qual é o grupo de pessoas enquanto aguardamos o futuro dia do Senhor, qual é o grupo de pessoas que Deus irá justificar completa e finalmente naquele dia. Como é esse grupo de pessoas? Vários grupos judaicos no primeiro século teriam respondido a essa pergunta de forma diferente. Segundo o evangelho de Paulo e aqueles que são os apóstolos, segundo o evangelho de Paulo, são todos aqueles que estão em Cristo. Todo aquele que tem fé em Cristo ou que é fiel a Cristo.

Falaremos sobre isso em um segundo, que é outra grande questão interpretativa. Mas todos os que são seguidores de Jesus, sejam judeus ou gentios, essas são as pessoas que serão justificadas no último dia. Estas são as pessoas que têm o direito de serem chamadas de povo de Deus e, basicamente, que têm o direito de reivindicar esperança de serem justificadas no último dia.

Isso está um pouco em aberto nesta situação da Galácia, porque o que está sendo argumentado na Galácia pelos missionários cristãos judeus é que não, as pessoas que têm o direito de ter esperança e de serem justificadas no dia final são pessoas que estão em Cristo e pareça judeu. As pessoas que são judias serão justificadas no último dia. E Paulo está dizendo não, a única base para a justificação e, portanto, a inclusão no povo de Deus são pessoas que são da fé de Jesus Cristo, que andam da mesma maneira que Jesus andou.

Essas são as pessoas que serão justificadas no último dia. Portanto, a justificação é uma realidade complexa e há muitas questões ligadas a isso. Veremos como isso funciona no argumento de Paulo conforme se desenrola aqui nos versículos 15 a 21.

A segunda questão, uma questão interpretativa, é o que Paulo quer dizer com esta expressão, obras da lei? Esta expressão é uma obra da lei que Paulo usa três vezes no versículo 16. É aqui que entra em jogo toda esta questão interpretativa, que tem a ver com o que é chamado de nova perspectiva sobre Paulo. E o que está acontecendo aqui é que as gerações anteriores de estudiosos paulinos encaravam o evangelho de Paulo como algo que se opunha a uma concepção legalista do judaísmo.

Isto é, Paulo estava proclamando um evangelho livre de lei, enquanto o Judaísmo é descrito como legalista. Quando o evangelho chega, Paulo proclama que é somente pela fé em Cristo, não por fazer, alcançar, acumular ou obter mérito. E quando Paulo usa a expressão obras da lei, essa é uma expressão que tem a ver com obras que estão ligadas à lei mosaica, pelas quais alguém acumula mérito diante de Deus a fim de apresentar a Deus uma reivindicação de justificação no dia final.

Então, Paulo aqui em Gálatas 2.16 está defendendo a fé em Cristo contra as obras da lei, com o que ele se refere às obras do legalismo. Mais recentemente, tem sido argumentado que Paulo, com esta expressão obras da lei, não está falando sobre atos de legalismo. Ele está falando sobre os tipos de ações que uma pessoa realiza orientada pela Torá ou orientada pela lei mosaica.

Atos como a observância do sábado, seguir as leis alimentares no preparo dos alimentos, a circuncisão, o tipo de atos que representam muitos outros atos na observância da lei mosaica, mas que se somam a uma vida que faz de alguém um judeu. Então, Paulo não está falando; quando ele usa a expressão obras da lei, ele não está falando sobre legalismo. Ele está falando sobre as ações que uma pessoa pode fazer que a distinguem como judia ou a marcam como judia.

Atos que se somam a uma identidade judaica e essa noção têm grande mérito, acredito, porque são esses tipos de coisas sobre as quais Paulo está realmente falando neste contexto. Ele está falando sobre diferenças entre judeus e gentios, e no versículo 15 é assim que ele inicia esta discussão. Somos judeus por natureza e não pecadores dentre os gentios.

No entanto, sabendo que um homem não é justificado pelas obras da lei, as obras da lei representam a identidade judaica. Paulo e Pedro são judeus, mas sabem que fazer as coisas que contribuem para uma identidade judaica não é a base da justificação. Eles sabem que a base da justificação é a fé em Cristo e isso por si só.

Então, a segunda coisa, a segunda questão interpretativa é que as obras da lei têm a ver com a identidade judaica. Não tem a ver com o Judaísmo como religião legalista. Terceiro, a terceira questão interpretativa, e esta novamente é confusa, é que esta expressão de fé em Cristo Jesus é um pouco mais complicada no versículo 16 e além do que você pode imaginar.

Paulo usa uma expressão grega aqui que diz que vou me livrar de um pouco disso. Paulo usa uma expressão grega aqui, *Pistis Jesou Christou*, com a qual ele quer dizer, com a qual ele está indicando, bem, aqui está a pergunta: o que exatamente Paulo está indicando? Para muitos leitores da Bíblia em inglês, parece bastante simples. Uma das maneiras pelas quais esta expressão pode ser entendida é como um genitivo objetivo e traduzida desta forma, da maneira que você provavelmente está acostumado a ver, fé em Jesus Cristo ou fé em Cristo Jesus.

Outra maneira de traduzir isso, no entanto, e muitos intérpretes argumentam que isso é mais natural, é que este é um genitivo subjetivo e tem a ver com a fé, e isso pode soar um pouco antinatural se você estiver acostumado a ler Romanos e Gálatas na tradução para o inglês, isso tem a ver com a fé de Jesus Cristo ou com a fé de Cristo Jesus? Então, surge a pergunta: Que necessidade Jesus tem de exercer fé? Além disso, *Pistis* pode ser traduzido como fidelidade, algo como fidelidade, fidelidade, lealdade, confiança, esse tipo de coisa. Portanto, Paulo não contrasta necessariamente a fé interna com as ações externas. O contraste tem mais a ver com algo relacionado com Jesus Cristo e sua fidelidade ou fé em Jesus Cristo, por um lado, e, por outro lado, a identidade judaica quando se trata de justificação.

Assim, os intérpretes têm debatido se esta expressão tem a ver com a justificação proveniente da agência de Jesus Cristo e da sua fidelidade, enfatizando talvez a iniciativa divina na salvação, ou será que Paulo está falando sobre a responsabilidade humana na salvação e a responsabilidade do ser humano de exercer fé em Cristo? Jesus? Esta tem sido uma das grandes ocupações da teologia paulina nos últimos 30, 40 anos ou mais. É uma questão que está frequentemente relacionada com questões do tipo Nova Perspectiva, mas na verdade é uma questão muito distinta e separada porque as linhas caem em lugares diferentes no que diz respeito a este debate. Penso que um dos melhores tratamentos disto, ou pelo menos um dos que capturam a minha própria compreensão, é o de Morne Hooker, que escreveu recentemente um artigo indicando que é provavelmente a melhor maneira de ler esta expressão como enfatizando ambos.

Quero dizer, Paulo talvez queira ser ambíguo aqui. Ou seja, o que Paulo está tentando enfatizar é que a justificação vem da fidelidade de Jesus Cristo ao Pai, da vida que ele levou e de sua missão de obediência fiel até a cruz. Esse é o meio pelo qual Deus libera a justificação.

Além disso, vemos isso especialmente quando se trata do versículo 20, onde Paulo fala sobre sua vida estar envolvida na fidelidade do Filho de Deus, ou na fé no Filho de Deus. No entanto, você traduz essa expressão porque o mesmo problema se aplica a ela. Mas aí Paulo fala sobre a participação humana na fidelidade de Jesus. Então, Paulo pretende realmente capturar tanto a fidelidade de Jesus Cristo ao Pai quanto esse modo e essa vida de fidelidade como uma espécie de modelo que

imitamos, mas também o reino da realidade em que saltamos e somos batizados pelo Espírito, e isso nos leva adiante enquanto prestamos a Deus uma vida de fidelidade, sendo capacitados pela vida de fidelidade de Jesus e imitando a vida de fidelidade de Jesus? Espero que isso faça sentido.

Eu meio que adoto uma abordagem de ambos, onde isso tem a ver com a justificação que vem em virtude de eu ser incorporado a Jesus Cristo, e também gosto da dimensão participativa onde a fidelidade de Jesus Cristo realmente define os parâmetros e é o modelo para minha própria vida de fidelidade, mesmo que minha vida esteja envolvida na vida de Jesus. Portanto, essas três questões interpretativas entrarão em jogo em muitos pontos à medida que avançamos em Gálatas 2:15-21, e Gálatas 2:15-21 é realmente o cerne teológico desta carta e é o núcleo teológico do que ele quer se comunicar com seu público. Então, tendo abordado isso até certo ponto sem perder ninguém, vamos voltar ao texto.

A estratégia de Paulo aqui nesta passagem é agrupar os cristãos judeus lá na Galácia e Pedro e Barnabé como se todos cometessem o mesmo erro. E assim, a mensagem teológica de Paulo em 2:15-21 é o que ele quer dizer a todos eles. Vamos ver como funciona a lógica dele.

Nos versículos 15 e 16, Paulo começa com noções consensuais que Paulo, Pedro, Barnabé e nós assumiremos que todos os cristãos judeus na Galácia compartilham. Eles compartilham isso... Os versículos 15 e 16 são basicamente a confissão comum dos cristãos judeus da era de Paulo. E aqui está o que ele diz: somos judeus por natureza.

Ou seja, você, Pedro e Barnabé, e eu, Paulo, eu, Paulo, somos judeus por natureza, por nascimento, e não pecadores dentre os gentios. E quando Paulo diz isso, há um sentido em que ele está sendo um pouco desagradável. Ele está extraindo todas as noções implícitas que estão em jogo aqui e tornando-as explícitas.

E ele é realmente um pouco racialmente acusado porque a maneira como os judeus do primeiro século olhavam para os gentios era vê-los como inerentemente impuros, inerentemente pecadores. E essa comunhão com eles torna um judeu como Paulo, ou Pedro os torna impuros. Então, quero dizer, você sabe, eles estão olhando com desprezo para julgar os pecadores gentios.

Então, Paulo está dizendo, você, Pedro e eu, somos judeus por natureza e não pecadores dentre os gentios. Contudo, ou mas, ou no entanto, sabendo que uma pessoa não é justificada pelas obras da lei, mas pela fé em Cristo Jesus, isto é, mesmo que você e eu sejamos judeus de nascimento e não pecadores gentios, sabemos, Pedro, que o fundamento ou a base para a inclusão no povo de Deus ou o fundamento ou a base para a justificação diante de Deus não é a nossa identidade judaica, mas é a fidelidade de Jesus Cristo ou a provisão de Deus para nós em Cristo,



algo assim . Então, o que ele está tentando fazer aqui nas duas primeiras linhas do versículo 16 é dizer a Pedro que, embora não sejamos pecadores gentios e sejamos judeus, ainda sabemos que não é o nosso judaísmo que nos salva.

Não é o nosso judaísmo que nos justifica. É a nossa inclusão na própria fidelidade de Cristo ou, se preferir, é a nossa fé em Cristo, não o nosso judaísmo. Por causa disso, também temos crido em Cristo Jesus, para que sejamos justificados pela fidelidade de Cristo, ou pela fé em Cristo, e não por sermos judeus.

Então, ele está se repetindo. Ele está elaborando longamente a lógica aqui para que Peter realmente entenda. Vou parafrasear isso.

Também acreditamos em Cristo ou nos comprometemos com Cristo para que possamos ser incluídos no povo de Deus com base na fidelidade de Cristo e não por causa da nossa identidade judaica, uma vez que simplesmente manter a identidade judaica não traz justificação. Até agora, essa é a lógica dos versículos 15 e 16, e o que Paulo está fazendo é delinear dolorosamente a lógica e desnudá-la do cristianismo judaico, o evangelho como os cristãos judeus o conheceriam: Pedro, Barnabé e ele mesmo. , e aqueles cristãos judeus na Galácia.

E a questão é esta até agora. Os judeus estão exatamente no mesmo terreno que os gentios no que diz respeito à justificação diante de Deus. Os judeus estão na mesma base que os gentios no que diz respeito à justificação diante de Deus.

Teologicamente, estamos bem, mas observe o que Paulo faz com Pedro. Paulo então isola e explicita a dificuldade de Pedro, que é a mesma dificuldade de Barnabé, a mesma dificuldade dos cristãos de Jerusalém, e é a mesma dificuldade dos agitadores na Galácia. E aqui está no versículo 17.

Se, enquanto procurávamos ser justificados em Cristo, nós mesmos também fomos considerados pecadores, Cristo é então um ministro do pecado? Ou posso parafrasear desta forma. Se colocar-nos ao lado do resto da humanidade diante de Deus para a justificação nos inclui ao lado de todos esses pecadores, Cristo está fazendo alguma obra pelo pecado, o poder cósmico do pecado? Isto é, lembre-se qual é a lógica dos versículos 15 e 16. Os judeus estão na mesma base que os gentios no que diz respeito à justificação diante de Deus.

Então, esses cristãos gentios e esses cristãos judeus, Paulo estaria dizendo a Pedro, o que Jesus acabou de fazer por nós é o que você teme. E você teme conviver com pecadores, tornando-se impuro. Isso não é uma coisa boa.

Bem, Jesus, Deus em Cristo, só fez isso conosco porque nos colocou ao lado de todos esses pecadores gentios que precisavam de justificação diante de Deus. Portanto,

estamos lado a lado com outros cristãos gentios, a quem nos é dito que consideremos pecadores. Então, Jesus está aliado ao pecado? Esse é o enigma.

Esse é o problema teológico. E, claro, diz Paulo, que isso nunca aconteça. Essa é uma conclusão absurda.

Essa é uma conclusão absurda. Mas essa é realmente a lógica a que Pedro e Barnabé e os cristãos de Jerusalém e os gentios, os agitadores na Galácia, é a conclusão a que são levados. E Paulo quer que eles vejam que isso é um absurdo.

Algo mais deve estar acontecendo. Então, para tirá-los desse problema, Paulo desdobra essa lógica teológica, e vai desdobrá-la com duas elaborações. Um no versículo 18 e depois outro nos versículos 19 e 20.

E ambos são desencadeados por essas, como eu disse antes, essas lindas conjunções. Existem dois quatros; desculpe-me, existem esses dois quatros que desencadeiam as duas elaborações de Paulo. A primeira que ele dá aqui está no versículo 18, e é muito, muito enigmática.

Muito, muito enigmático. E sempre que algo é complicado para mim, tenho que desenhar. Então, vou ver se consigo desenhar essa lógica aqui.

Paulo diz isso no versículo 18, pois, isto é, é por isso que isso não é um problema, Pedro. Se eu reconstruir o que uma vez destruí, provarei ser um transgressor. O que diabos Paulo está dizendo? Se eu reconstruir o que uma vez destruí, provarei ser um transgressor.

E o que Paulo está fazendo aqui no versículo 18 é que ele quer que Pedro entenda, e também os agitadores, os professores na Galácia, ele quer que eles entendam que o que estão fazendo, movidos pelo medo de ter comunhão com pecadores gentios e, assim, se tornarem impuros, o que eles estão fazendo, movidos por esse medo, os coloca em uma situação muito mais precária diante de Deus do que aquilo que eles pensam que estão evitando. Aqui está o que quero dizer com isso. Eu poderia parafrasear o versículo 18 desta forma: se você, Pedro, agitadores, cristãos de Jerusalém, se você realmente praticar seu cristianismo judaico da maneira que está fazendo, você se tornará pior que um pecador; você se torna um transgressor.

Você se torna um pecador arrogante contra Deus. Agora, como é esse o caso? Veja como é esse o caso. Paulo fala sobre reconstruir o que uma vez destruiu.

E o que Paulo, eu acho, está fazendo aqui é que ele está considerando, bem, eu nem sei se quero dizer a lei em si, porque a lei não ensinava necessariamente isso, mas o que Paulo entendeu ser lícito ou ilícito é ter comunhão com os gentios. E foi sobre

isso que Pedro falou em Atos 10 e 11. Isto é, é ilegal ter comunhão como judeus com gentios.

Você pode imaginar a compreensão deles da lei como uma fortaleza. Na verdade, talvez eu coloque isto entre aspas: a lei, porque a Lei Mosaica na verdade não fazia isso em certo sentido, mas Pedro e Paulo pensaram formalmente que ela fazia isso. A lei funcionava como uma espécie de fortaleza, mantendo-os dentro.

Pecadores gentios estão aqui. Agora, Paulo, antes aqui dentro, dentro da lei, evitando contato com pecadores gentios, basicamente fica dentro da fortaleza, mantendo sua pureza. O que ele percebeu em Cristo é que Cristo quebrou essas barreiras entre judeus e gentios.

E então, onde Cristo está localizado? Há um sentido em que Cristo está localizado aqui. Ele está construindo juntos uma nova família em Cristo que é multiétnica e multinacional. Isso é um problema se você está preso dentro da fortaleza porque Cristo está rompendo esses limites.

Na verdade, provavelmente poderíamos simplesmente colocar a cruz completamente do lado de fora, porque o que Paulo fez foi derrubar esta fortaleza para que ele pudesse estar aqui onde Jesus está. Peter também quebrou essa barreira. Lembre-se, tivemos esse episódio em Atos 10 e 11.

E também, ele veio para Antioquia e comeu com os gentios. Então, ele saiu para estar onde Jesus está, lá fora, entre os pecadores gentios, onde também estão os judeus em Cristo, porque não há problema em estar lá fora. Judeus em Cristo, pecadores gentios, todos uma grande família feliz.

Agora, o que Pedro teme, e os cristãos judeus têm medo, é que eles não querem ficar ombro a ombro com esses pecadores gentios. Isso vai torná-los impuros. Então, eles estão dentro da fortaleza e Paulo está dizendo, isso faz algo muito pior para você.

Isso faz de você um transgressor. Por que isso faz de você um transgressor? Aqui está o porquê. Paulo está dizendo, se eu saí aqui agora, o que fiz, Pedro, tenho comido com gentios.

Você também fez isso, Pedro. Você estava comendo com gentios. Se eu cheguei aqui percebendo que isso pode ser destruído, o que me mantém dentro desses limites pode ser destruído para que eu possa estar onde Cristo está entre os pecadores, pessoas que eu pensava serem pecadoras.

Se eu demolir isso e depois reconstruí-lo, sou um transgressor porque é isso que estou fazendo. Já estou aqui. Este sou eu e você, Peter.

Este sou eu e você. Se eu disser agora, de uma posição aqui, é necessário. Se eu agora disser que é necessário permanecer na fortaleza para ser justificado diante de Cristo, pois bem, já estou fora. Então, o que estou fazendo, e é isso que Paulo quer que Pedro entenda, Pedro, você está defendendo duas posições mutuamente contraditórias.

Você está dizendo com sua vida que precisa estar fora com os gentios, e está dizendo que não pode estar fora com os gentios. Você está dizendo que precisa permanecer dentro de si e já o deixou. Então, você basicamente se revela não como um pecador, mas como um transgressor da lei.

Alguém que propositadamente ultrapassa os limites do que a lei ensina torna-se um transgressor. Então, você está basicamente dizendo que a salvação está apenas entre aqueles que participam de uma identidade judaica e está entre aqueles que participam entre os gentios. Você não pode ter as duas coisas.

É mutuamente incoerente. Essa é a lógica do versículo 18. Pedro, sei que você está tentando evitar ser um pecador.

Se você voltar atrás e se afastar da comunhão com os gentios, se fizer isso, você na verdade será um transgressor. Então, esse é o seu primeiro argumento. O primeiro argumento dele é apenas uma forma de dizer que, na verdade, é muito pior se você fizer o que faz, Peter.

Então, nos versículos 19 a 20, Paulo vai explicar a lógica de por que ele pode realmente ter comunhão com os pecadores, e isso não é grande coisa. Ele vai explicar a lógica subjacente a tudo o que está acontecendo em toda esta passagem onde ele diz no versículo 18, a segunda explicação marcada por um quatro, pois através da lei, eu morri para a lei para que pudesse viver para Deus. O que ele está dizendo aí? Acho que Paulo ainda está trabalhando com a mesma noção, essa noção da lei como uma fortaleza que exige a morte de quem a transgride.

Há uma diferença entre a transgressão intencional dos limites da lei no Antigo Testamento e os pecados cotidianos que poderiam ser expiados. Mas, a lei exige a morte dos transgressores. É basicamente esta fortaleza, e a única saída é a morte.

Então, Paulo está dizendo que através desse mecanismo da lei, através da lei, através do próprio mecanismo da lei, eu realmente morri para a lei. Ele continua explicando que no versículo 20 ele já morreu porque foi co-crucificado com Cristo. Ele está morto e morreu com Cristo.

Então, ele morreu para aquele velho mundo, e também morreu para a versão do Judaísmo que considera ilegal deixar esta fortaleza e sair e ter comunhão com

pecadores gentios. Então, para Paulo, a teologia que o traz até aqui, a comunhão com os pecadores, é ser co-crucificado com Cristo. Você pode colocar o nome de Paul lá.

Ele não precisa se preocupar em transgredir quaisquer limites e não precisa se preocupar em ter comunhão com pecadores porque está morto. Então, ele não adere mais a essa realidade, que lhes dá o rótulo, e não está mais obrigado a permanecer nela. Isto, voltando brevemente ao versículo 19, permite-lhe viver verdadeiramente para Deus porque o que Deus está fazendo atualmente é construir esta comunidade multinacional e multiétnica, esta família multiétnica, e a plena participação de Paulo nisso é o seu estar vivo. para Deus.

E foi o próprio mecanismo da lei que lhe permitiu fazer isso em virtude da sua co-crucificação em e com Cristo. Assim, em virtude da inclusão de Paulo na morte de Cristo, ele sai daquela fortaleza exclusiva para um lugar onde pode agora participar plenamente com os gentios. Então, vamos percorrer o resto do versículo 20 aqui.

Fui crucificado com Cristo e já não sou eu quem vive. Isto é; não foi mais isso que construiu Paulo e todas as suas conquistas e o status social que ele construiu em uma cultura baseada na Torá. Essa pessoa está morta.

Já não sou eu que vivo, mas Cristo vive em mim e na vida que agora vivo na carne; Não vivo em virtude de permanecer numa cultura judaica para ganhar status social entre meus pares. Agora vivo pela fidelidade do Filho de Deus, tão capacitada pelo próprio Jesus. Vivo pela fé no Filho de Deus, que me amou e se entregou por mim.

Então, Paulo não vive mais uma vida de coerção. Ele não vive mais mantendo esses limites. Ele agora a abandonou e vive uma vida que imita a vida de amor abnegado de Jesus e, bem, na verdade, de amor abnegado, esses dois elementos, que me amou e se entregou por mim.

E esse amor e entrega por nós define a trajetória para Paulo viver uma vida de amor aos outros e de entrega por eles. Então, espero que essa lógica faça sentido. Isso quer dizer que faz sentido o que Paulo está argumentando aqui.

A maneira como ele sai desse tipo de estrutura de fortaleza é morrendo, porque sair dela exige a morte. Se ele já estiver morto, não há nada com que se preocupar. Voltando a este tipo de cenário, podemos imaginar a atual era do mal.

Este é um reino de exclusão. Este é um reino de expulsar os pecadores. Este é um reino de estabelecer minha identidade como melhor do que os outros.

Assim, identificando pecadores, outros como pecadores, como contaminados ou maus ou sem valor ou relativamente sem valor. Todos esses são comportamentos,

atitudes, ações e dinâmicas sociais que vêm de um reino cósmico corrompido, a atual era maligna. E em virtude da morte de Cristo, somos entregues à nova criação, que assume o caráter do próprio Cristo, orientado pelo amor, pela doação e pela inclusão.

Então, rico, pobre, homem, mulher, judeu, grego. Quero dizer, em Cristo está esta dimensão radical de atitudes e comportamentos inclusivos. Portanto, da perspectiva de Paulo, os cristãos judeus não olham para os cristãos não-judeus e os rotulam de pecadores, menos valiosos do que qualquer coisa assim.

Nós nos vemos como irmãos na nova família que Deus está construindo em Cristo — sem mais excluir os outros. Não mais, mais ou menos, lembre-se da dinâmica pela qual Paulo estava tentando trabalhar pela purificação do Judaísmo.

Agora há uma saída radical, então pessoas que antes eram consideradas perigosas agora são amigas. Portanto, é um tipo de modo de vida radicalmente diferente e um modo de vida comunitário. Este é realmente o reino da ressurreição.

E este é o reino que, na teologia de Paulo, acabará por se tornar o reino de Deus no futuro. Este é o reino que está indo para a destruição e está se desintegrando e será finalmente destruído no dia de Cristo. E assim, como eu disse, este é o reino que irá avançar para a nova criação.

Isso nos ajuda a entender o versículo 21 porque este é o reino da retificação e da justificação. Este é o reino da justiça, o reino de ser justificado diante de Deus, o que ajuda a dar sentido ao versículo 21 quando Paulo diz: Eu não anulo a graça de Deus. Pois se a justiça vem através da lei, então Cristo morreu desnecessariamente.

E acho que o que Paulo está tentando dizer é que ele está dizendo que não está anulando a graça de Deus. Na verdade, ver qualquer outra forma como sendo capaz de realmente produzir esta realidade, a nova criação, o reino da retificação, se qualquer outra forma pudesse produzir isso, seria uma afirmação de que a graça de Deus está operando de alguma outra maneira. Paulo não está anulando a graça de Deus.

Na verdade, ele está dizendo que apenas a cruz causou isso. Somente a fé em Cristo permite a participação nele. Se isso foi provocado pela lei, pela identidade judaica, ou se você pudesse participar disso sendo judeu, então Deus foi absurdamente cruel ao enviar Cristo para morrer, porque isso poderia ter sido feito de outra forma.

A única maneira pela qual esta nova realidade da criação pode ser criada é pela cruz. E a única maneira de participar é pela fé em Cristo. Então, Paulo é na verdade uma forma de dizer algo positivamente. Ao dizer negativamente, não anulo a graça de Deus.

Paulo está na verdade proclamando a graça de Deus. É assim que o poder de Deus funciona. Não funciona de acordo com alguma agenda terrena e terrena.

Gostaria de fazer um comentário final, que se refere a uma espécie de vida espiritual, a uma noção de auto-estima espiritual. Quando Paulo diz: Já estou crucificado com Cristo, e já não sou eu quem vive, mas Cristo vive em mim. Por favor, não pense nisso em termos de um tipo falso de espiritualidade do tipo João Batista.

Já ouvi muitas pessoas usarem essa afirmação, e também a afirmação de João Batista, devo diminuir, que ele deve aumentar. Por favor, entenda que João Batista está falando sobre uma sequência. Ele teve um papel crucial no palco da obra redentora de Deus.

Agora é hora de ele dar um passo para trás. Mas esse não é o tipo de declaração que deveria governar a espiritualidade de todos. Quando Paulo diz aqui, estou crucificado com Cristo, e já não sou eu quem vive, mas Cristo vive em mim.

Não é o caso que eu, como indivíduo, deva diminuir para que Cristo seja engrandecido. Paulo está fazendo aqui um contraste entre um eu falsamente construído e quem eu pensava que era. Quem eu pensava que era e quem minha cultura me dizia que eu era.

Quem eu pensava que era e quem eu pensava que era na estima dos meus colegas. Esse eu está morto. O eu que excluiu os outros, o eu que maltratou os outros, o eu que coagiu os outros, o eu que procurou poder sobre os outros, esse eu está morto.

Está na cruz. E não é que eu seja abolido e Cristo simplesmente assuma o controle. Em virtude de Cristo estar em mim e de eu ser absorvido em Cristo pelo Espírito, eu me torno quem finalmente sou.

Eu me torno meu eu mais verdadeiro. Então, Cristo vivendo em mim, sendo eu absorvido pela fidelidade do Filho de Deus, faz de mim quem eu sou final e plenamente. E o que quero dizer com isso é isso.

Agora posso pensar, porque fui liberto e totalmente amado em Cristo, posso realmente pensar em todas as minhas habilidades e habilidades e ser realmente honesto. Porque posso pensar bem sobre o que contribuo para uma comunidade. Onde posso maximizar meu tempo? Em que não sou tão bom? Onde preciso de outros? Posso ser totalmente honesto sobre isso porque nenhum desses comportamentos, nenhuma dessas posições que eu possa ocupar na minha igreja, nada disso determina o meu valor. Sou plenamente amado em Cristo.

Aqui, numa concepção corrompida, eu tenho que ser o professor, tenho que ser o líder, tenho que ser o diretor, tenho que ser o responsável, tanto faz, porque assim eu tenho mais valor. Esse é um mundo que está morto agora. E posso ser seguidor, posso ser participante.

Posso, às vezes, dirigir alguma coisa, mas posso ser alguém que recebe ordens. Não importa, porque sou uma entre muitas pessoas que são plenamente amadas em Cristo. Eu me torno quem finalmente sou.

Eu me torno quem realmente sou em meu casamento. Não preciso lutar por território. Eu posso ouvir.

Podemos ter funções que mudam em casa no que diz respeito à funcionalidade, com base no que é melhor para todos nós. Sabendo que quanto mais servo eu sou, mais recebo, mais ouço, mais me envolvo no amor abnegado, mais esses comportamentos geram a presença da ressurreição em meu lar. Tenho pensado muito sobre isso em relação a como participar de uma faculdade, onde às vezes eclodem guerras territoriais.

Mas a identidade cristã e o fato de eu me tornar quem sou verdadeira, plena e finalmente oferece tanta esperança e tantas promessas em muitas áreas da vida. Quando pensamos em assumir a forma da cruz em nossas conversas, em nossas dinâmicas relacionais, em nossas posturas para com os outros, e como comunidade, no que diz respeito à postura que a igreja assume para a cultura mais ampla, começamos a irradiar o amor de Deus e desfrutarmos mais da presença de Deus. Mas isso geralmente significa abrir mão do poder, desistir da busca pelo poder, da coerção e da apropriação do poder, e assumir posturas de serviço hospitaleiro e de amor abnegado.

Então, só para dizer, quando se trata de pensar em incorporar o comportamento cristão, não estamos nos cancelando e deixando Jesus aparecer. Estamos matando falsas concepções de nós mesmos e determinando como, como Paulo, meu corpo, minhas relações sociais, como meu corpo pode ser um local que revela Jesus? E isso significa que eu me tornarei quem sou verdadeira e plenamente. E isso ajuda um pouco a explicar como é que a liberdade e a liberdade cristãs podem ser plenamente habitadas, porque essa é verdadeiramente uma realidade libertadora.

Assim, a lógica teológica que Paulo desenvolve para Pedro e para os cristãos judeus que estão lá na Galácia tem tudo a ver com habitar a morte de Cristo e como isso provoca a criação de um mundo radicalmente novo onde Deus está construindo o seu povo multinacional feito todas as etnias em Cristo – o cerne da carta que veremos desenvolvida no resto de Gálatas.



Este é o Dr. Tim Gambas em seu ensinamento sobre o livro de Gálatas. Esta é a sessão 4 sobre Gálatas 2:11-21.